

A atividade da fantasia: resposta ao mal-estar na civilização?

Fantasy Activity: A Response to Discomfort in Civilization?

Murilo Henrique Silva¹

Daniela Scheinkman Chatelard²

Resumo: Partindo de um mal-estar inerente à cultura, que afeta a busca da felicidade, atrelando-se ao sofrimento humano, este estudo buscou responder à seguinte incógnita: é possível que a atividade da fantasia, consista-se em uma tentativa de resposta ao mal-estar civilizatório? O principal objetivo, portanto, consistiu em explicar a partir da teoria psicanalítica, como a fantasia se relaciona com o mal-estar, sendo uma tentativa psíquica de lidar com o mesmo. O método investigativo utilizado foi o psicanalítico, que consiste na escuta dos fenômenos inconscientes presentes na cultura, constituindo tal estudo, como uma pesquisa teórica. A conclusão encontrada é que a fantasia por tratar-se da realidade psíquica, tenta dar conta do indizível do real, do traumático e da impossibilidade inerente ao sujeito em relação à cultura, criando roteiros que possam satisfazer ao princípio do prazer, sendo em última análise um dos caminhos para a busca da felicidade.

Palavras Chave: Mal-estar; Fantasia; Realidade Psíquica; Psicanálise; Civilização.

Abstract: Addressing human suffering, this study aimed to answer the following question: Is it possible that the activity of fantasy serves as an attempt to respond to civilizational discomfort? The primary objective was to explain, from a psychoanalytic perspective, how fantasy relates to this discomfort, being a psychic attempt to cope with it. The investigative method used was psychoanalytic, which involves listening to the unconscious phenomena present in culture, thus constituting this study as theoretical research. The conclusion found is that fantasy, dealing with psychic reality, attempts to address the unspeakable aspects of reality, the traumatic, and the inherent impossibility for the individual in relation to culture, creating narratives that may satisfy the pleasure principle, ultimately being one of the paths in the pursuit of happiness.

¹ Psicólogo clínico, mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília – UnB E-mail: murilohobbit@gmail.com

² Doutora pela Université de Paris 8. Professora Titular do Programa de Psicologia Clínica e Cultura da UnB. Membro do GT da Anpepp: Psicanálise, Política e Clínica. Membro dos Fóruns do Campo Lacaniano. E-mail dchatelard@gmail.com

Recebido em 24/02/2024

Aprovado em 18/04/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Keywords: Discomfort; Fantasy; Psychic Reality; Psychoanalysis; Civilization.

Introdução

O sofrimento é inerente à civilização. Esta constatação que à priori pode ser desnorteadora, é simultaneamente, capaz de um esclarecimento muito potente em relação à vida humana. E foi a partir dela, que Freud pôde explicar ao mundo sobre o mal-estar que acompanha a vida dos sujeitos.

Em suas próprias palavras: “Esforcei-me para manter distância do preconceito entusiasta segundo o qual nossa civilização é o que temos ou podemos ter de mais precioso, e sua trilha nos levará necessariamente a alturas de insuspeitada perfeição.” (Freud, 1930/2010, pp. 120-121)

Baseados nessa premissa, nossa pesquisa busca responder à seguinte problemática: Do ponto de vista psicanalítico, a atividade da fantasia, pode consistir em uma tentativa de resposta ao mal-estar na civilização?

Ressaltamos que a pergunta parte também de uma concepção de fantasia diferente do senso comum, pois em psicanálise tomamos-a como conceito, que designa a realidade psíquica, a janela através da qual o sujeito enxerga o real, a forma como se lê o mundo, estando também ligada à fuga de sofrimentos, e a busca de realizações de desejos. (Freud 1908a/2015, 1908b/2015, 1923a/2011; Jorge, 2010; Rosa, 2018)

Nosso objetivo norteador de tal pesquisa, portanto, visa explicar a partir da teoria psicanalítica, como o conceito de fantasia, relaciona-se com o mal-estar na civilização, sendo uma tentativa de lidar com o mesmo.

Partimos ademais de uma metodologia teórica, extraíndo de textos freudianos, e de contribuições de comentadores lacanianos como Marco Antônio Coutinho Jorge, Slavoj Žižek, Mirian Debieux Rosa e Mark Fisher, concepções sobre a questão da fantasia no funcionamento psíquico e social.

Acerca da pesquisa teórica em psicanálise Lameira *et. al* (2017) destacam que ela possui uma característica singular em relação aos outros campos do saber, na medida em que só avançamos em nossa área, remetendo-nos às elaborações prévias, mas não tornando este retorno uma mera repetição ou reprodução. Carregamos em cada escrita uma contribuição singular, para os avanços de nosso corpo teórico.

Também designamos que a metodologia fundamental através da qual olhamos para este real do mal-estar e do campo da fantasia, é o próprio método psicanalítico. Para isto explanamos que conforme demonstram (Freud 1927/2014; Menezes, 2018, 2010; Rosa 2004, 2018; Sauret, 2003), a psicanálise não se restringe à uma forma de tratamento psíquico. Ela é ao mesmo tempo um *método* de investigação do inconsciente, uma técnica de tratamento e uma teoria.

Mais especificamente Freud (1923b/1980), exclama que ela é o único meio de se investigar as manifestações inconscientes humanas. Em outro momento, o autor ecoa: “Na realidade, a psicanálise é um método de pesquisa, um instrumento imparcial, como o cálculo infinitesimal, digamos.” (Freud 1927/2014, p. 221). A partir desta concepção, partimos do pressuposto de que como o objeto de estudo da psicanálise é o inconsciente, quando extrapolamos o contexto do *setting* analítico, o que almejamos investigar são manifestações deste inconsciente presentes em outros campos humanos, como a arte, a religião, a ciência, a cultura entre outros.

Acerca desta investigação para além do tratamento clínico (Rosa, 2004, 2018; Rosa & Domingues, 2010), descrevem que Lacan a nomeou como *Psicanálise em Extensão*, ao passo que Laplanche a batiza de Psicanálise Extramuros. Nesse sentido, Rosa (2004) defende que faz parte da trama teórica e clínica da psicanálise a articulação entre sujeito e sociedade. Confirmamos sua explanação rememorando consagrados textos sociais que Freud dedicou-se à escrita, dando exemplos desde o começo da história de nosso saber, que nossas investigações deveriam extrapolar as paredes da clínica tradicional. A título de exemplo citamos obras como “Totem e Tabu” (1913); “O futuro de uma Ilusão” (1927); “O mal-estar na civilização” (1930).

Após explanarmos sobre nossos procedimentos metodológicos, justificamos a necessidade de tal investigação, a partir da necessidade de melhor inter-relacionarmos os conceitos metapsicológicos de mal-estar e fantasia, demarcando com mais clareza as suas relações. Aspiramos contribuir também a título de conhecimento para sociedade sobre o *pathos*, e a *face* social do sofrimento. Rememoramos contudo, que psicanaliticamente não é possível uma cisão entre psicologia individual e psicologia coletiva, desde Freud (1921/2011). Isto significa que partimos do pressuposto de que as formas de sofrimento que atravessam os sujeitos em suas singularidades e idiosincrasias, estão presentes também no laço social.

Feita esta devida ressalva, partimos da hipótese inicial, de que a atividade da fantasia consiste, em uma tentativa de responder de alguma forma ao mal-estar, buscando soluções para o conflito inerente à vida humana, presente no sujeito civilizado, constituído pelo campo da linguagem.

Por conseguinte, pretendemos contribuir para o avanço das discussões teóricas acerca da temática, possibilitando futuras reflexões, ao evidenciar os vínculos entre estes dois conceitos muito caros à psicanálise.

Discussão

Iniciemos, contudo, explanando que constatar que há um mal-estar, não é suficiente. Desta forma, tal premissa exige uma explicação, e foi exatamente tentando responder à pergunta sobre: o que gera o mal-estar na cultura? Que o pai da psicanálise desenvolveu todo um ensaio a respeito, o qual nomeou como: “O Mal-Estar na Civilização” (1930/2010). Descreve portanto, que há uma impossibilidade fundamental entre sujeito e a cultura, que decorre de um conflito entre a realização de desejos, e o estabelecimento de leis na vida coletiva, Freud (1930/2010).

É necessário todavia, que nos debrucemos mais detidamente em cada um destes elementos que compõem tal cenário. Instauramos o processo investigativo, tomando por foco à priori, esta busca de satisfação dos desejos, que corresponde ao princípio do prazer, que como Freud (1930/2010, 1940 [1938]/2018) relata, é uma demanda de satisfação e/ou fuga de sofrimento.

O princípio do prazer é o que rege o Id (ou “Isso” dependendo da tradução), que representa na topologia psíquica, a parte referente aos conteúdos herdados filogeneticamente. Mas também aos impulsos que à posteriori, sendo atravessados pela cultura e pela linguagem, segundo Elia (2007), ultrapassam o campo do inatismo, apresentando novas configurações submetendo o indivíduo ao campo do significante, constituindo-o como sujeito. É a partir desta interação com a linguagem, e a cultura, que se desenvolve o Eu, que busca conciliar as demandas da realidade externa, com as internas (advindas do Id), Freud (1940 [1938]/2018)

O Eu, é regido pelo princípio da realidade que funciona obedecendo à ordem do tempo, ou aceitando a barreira ao desejo, encontrando vias secundárias para adquirir a satisfação direta que lhe foi negada, Freud (1923a/2011, 1940 [1938]/2018). Apesar do Eu, responder ao princípio da realidade, contudo, em última análise, ele não é contrário ao princípio do prazer. Na verdade, ele conflui o primeiro com os objetivos do segundo, apenas adequando-os à realidade externa, (Freud?1911/2010, 1923a/2011, 1940 [1938]/2018).

Todavia, a segunda tópica freudiana completa-se a partir de um último elemento que forma uma tríade, chamado de Supereu. Esta é a instância no psiquismo que representa a cultura, os costumes, as leis e a moral. E ela atua como aquela voz interna que vigia o Eu, e o pune quando o mesmo, desvia-se dos ideais culturais, Freud (1923a/2011, 1930/2010, 1940

[1938]/2018). Ou seja, a introdução do sujeito na cultura, exige que o psiquismo abra mão de certas satisfações e adie outras. Ao mesmo tempo também, faz com que a instância social seja introjetada no próprio aparelho psíquico, originando o Supereu. (Elia 2007; Freud (1923a/2011, 1927/2014, 1930/2010, 1940 [1938]/2018).

Apesar da existência deste articulado sistema, a tensão e a busca satisfação não desaparecem e tampouco resolve-se os problemas ligados à conflitiva por parte dos impulsos do Id, do Supereu e as demandas da realidade externa. Mais formalmente falando, há dinamicamente e quantitativamente o aumento, diminuição e represamento pulsional ao qual estamos a tratar, mobilizando a energia psíquica de diferentes formas tópicamente neste sistema, Freud (1915a/2013, 1940 [1938]/2018).

Definimos como libido a energia da Pulsão de vida, que atua entre o somático e o psíquico e diz respeito à tudo aquilo que representa a busca do prazer, as ligações afetivas (eróticas), e em última análise ao amor (inibido ou não na meta sexual) Freud (1915b/2010, 1921/2011, 1940 [1938]/2018). A pulsão de vida, possui uma função tanto à nível individual, quanto à nível social. Mais especificamente a respeito deste segundo ponto, permite que sejam formados laços amorosos entre os sujeitos, aglomerando os indivíduos em partes maiores, compondo a sociedade, Freud (1921/2011, 1930/2010).

Todavia, o que a pulsão busca, sem meios termos, é a satisfação, e é aqui que se desenrola a problemática em relação ao mal-estar, pois, conforme já discurremos, muitas vezes os alvos da pulsão são barrados, tanto pelas leis internas, advindas do Supereu; tanto pelas leis externas, oriundas da civilização, Freud (1930/2010). Desta feita, a repressão dos desejos faz com que a pulsão busque satisfações secundárias, alterando seus alvos através de deslocamentos para outros objetos. Outro caminho também possível é o da sublimação (satisfação oriunda do trabalho, estudo, pela arte etc). Contudo, o próprio Freud (1923a/2011) descreve que nenhuma satisfação secundária é tão potente quanto à destinada a um objeto primário.

Em 1930, Sigmund complementa esta fala, elucubrando a respeito da diferença significativa entre as demandas do princípio do prazer, e as possibilidades de satisfações canalizadas em deslocamentos e sublimações outorgadas pela civilização. Exclama assim que as diferenças entre o primeiro e o segundo fator mencionados, resulta em uma impossibilidade de satisfação total da pulsão, gerando o mal-estar sentido pelos sujeitos. Em resumo, é a impossibilidade de satisfação plena, que gera o mal-estar na cultura.

Além disso, Freud (1920/2010, 1930/2010) também acrescenta como confluente em relação ao mal-estar, o conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte. Esta segunda pulsão, foi

fruto de sua formulação em (1920/2010) e diz respeito à agressividade constitutiva humana, mas que muitas vezes age silenciosamente no psiquismo, tornando-se de difícil percepção, sendo mais claramente percebida através da consciência de culpa e da necessidade de punição. Já no campo social, a pulsão de morte é expressa pela violência que os sujeitos destinam uns aos outros, pela desunião do que está unido, e pela eleição de inimigos, contra quem descarrega-se a agressividade e o ódio. As duas pulsões, contudo, atuam fusionadamente, de forma que, o que varia, é a porção de cada uma nas manifestações humanas. Como exemplo deste fusionamento, destaca o sadismo e o masoquismo. Sendo que depois, Freud coloca com a segunda tópica, e a pulsão de morte o masoquismo como primário. Freud (1920/2010, 1921/2011, 1930/2010).

É com base nestes achados que o psicanalista afirma que a vida civilizada é a maior fonte de sofrimento humano, promovendo não somente mal-estar ao barrar o desejo, impondo restrições; mas também proporcionando mais tormentos diante das violências decorrentes das relações interpessoais. Portanto, a busca de felicidade, que está subjugada ao princípio do prazer, é um prêmio episódico para o sujeito civilizado. Isto por conseguinte, traz uma sensação de impotência e divisão, diante da impossibilidade de retornar à era primeva, sabendo que lá reinava a lei do mais forte, que também expunha os indivíduos ao desamparo diante das forças implacáveis da natureza. Mas também causa desesperança diante da ineficácia em encontrar uma resolução diante da vida coletiva, (Freud 1913/2012, 1921/2011, 1930/2010; Menezes, 2008).

É tentando solucionar esta encruzilhada, que os sujeitos buscam outras formas de realizar o programa do prazer através de vias positivas (busca direta de satisfação), ou negativas (redução do sofrimento, fuga do desprazer). O pai da psicanálise cita como exemplo destes: o isolamento, que visa o distanciamento das relações humanas; o domínio da técnica científica, que almeja a submissão da natureza à vontade humana; os métodos de intervenção sobre o próprio corpo, com destaque para as intoxicações químicas; a técnica iogue, que busca uma quietude em relação às pulsões; e a via do amor, onde há uma dependência em relação aos objetos amados, Freud (1930/2010).

Contudo, daremos destaque agora, à uma das tentativas de lidar com o sofrimento inerente à condição humana do sujeito civilizado, que é a atividade da fantasia. Com relação a ela, Freud (1930/2010), nos diz que esta forma de evitar o sofrimento, permite um afrouxamento do vínculo com a realidade concedendo muitas vezes, satisfações ilusórias. A partir disso, o

sujeito pode até reconhecer a distância entre a ilusão e a realidade, no entanto, isto não significa que esta percepção será precursora de uma perturbação.

Sobre a ilusão, é necessário que ressaltemos outrossim, que para Freud (1927/2014), ela trata-se de um conceito que designa uma crença baseada *no desejo* de que algo seja verdade. Ou seja, não significa que seja verdadeiro ou não, mas sim que, é originada a partir do desejo. Em suas próprias palavras: “O âmbito de que se origi-nam tais ilusões é aquele da vida da fantasia; quando ocorreu o desenvolvimento do sentido da realidade, ele foi expressamente poupado do teste da realidade e ficou destinado à satisfação de desejos dificilmente concreti-záveis.” (Freud, 1930/2010, p. 37)

Ilusão e fantasia, portanto, tratam-se de conceitos diferentes, apesar de se entrelaçarem em certos contextos. A fantasia segundo Jorge (2010), é a realidade psíquica, ou seja, é a forma como olhamos para o real, como o lemos e o interpretamos, já a ilusão atrela sintomaticamente a realidade ao desejo, (Freud, 1927/2014; Jorge 2010; Rosa 2018; Zizek, 1992).

Jorge (2010) demonstra destarte, através de uma revisão de literatura da obra freudiana, e lacaniana, que o conceito de fantasia foi desenvolvido ao longo da psicanálise, até ganhar o destaque conceitual que hoje possui, e que foi a partir de alguns apontamentos de Lacan, que alguns problemas conceituais em Freud foram superados á respeito do tema.

Destaca portanto, em relação a esta questão, a criação do conceito de Real, por parte de Lacan, para designar a realidade “objetiva”. Ou seja, ele representa aquilo que não cessa de não se inscrever, que não se subjugua ao campo da linguagem e da imagem. Aquilo que sempre fica como um resto, indizível, não simbolizável ou imaginarizado, sendo portanto traumático, Jorge (2010).

Esta nova concepção, resolveu assim, a problemática existente na obra freudiana sobre realidade psíquica e realidade objetiva. A partir de Lacan, aquilo que é da ordem do objetivo trata-se do real, logo por conseguinte, toda realidade é na verdade, realidade psíquica. Esta realidade, perpassa o campo da linguagem, do significante, e do imaginário, tentando simbolizar o mundo, Jorge (2010).

Nesse sentido, a fantasia constitui-se como a janela de onde olhamos para o real. Enfim, (Jorge 2010; Laplanche 2001; Roudinesco, 1998) destacam que é a fantasia quem regula a relação com o mundo, constituindo o caráter subjetivo de cada um tentar entendê-lo, interpretá-lo e se colocar diante dele. Sumariamente devemos acrescentar também, que a função da fantasia, entrelaça-se ao princípio do prazer. Nas palavras de Freud: “Os neuróticos dão as costas à realidade por considerá-la — no todo ou em parte — insuportável.” (Freud, 2010, p.

82). Ou seja, ela é uma operação do psiquismo que busca encontrar satisfação pela via do pensamento, proporcionando variáveis graus de liberdade diante do teste da realidade³, Freud (1911/2010, 1940 [1938]/2018).

Em última análise, podemos destacar que a fantasia busca lidar com o mal-estar, o sofrimento e o desamparo, inerentes à realidade externa, e que está indissociavelmente ligado à impossibilidade entre sujeito e cultura, Jorge (2010; Rosa 2018). Ou seja, ela estrutura formas de se entender e dar sentido ao real, aspirando paralelamente, formas de como contornar as impossibilidades, o vazio, criando roteiros que vislumbrem um lugar possível para a satisfação, Jorge (2010).

Devemos salientar ainda, que existem diferentes tipos de fantasia, algumas mais fixas e fundamentais, outras mais fugazes. Algumas de caráter consciente (também chamadas de devaneios, ou sonhos diurnos), e outras de caráter inconsciente, que sempre estão atreladas a sintomas, tanto nos sujeitos com suas vidas privadas, quanto na sociedade. (Freud 1899/1996, 1908b/2015, 1911/2010, 1930/2010; Jorge 2010; Rosa 2018; Zizek 1992).

Isto nos leva a destacar, portanto, que a fantasia está para além de um fenômeno subjetivo. Ou seja, ela está presente na cultura, nas tradições, nas leis, na semântica linguística, na ideologia, sempre tentando lidar com a impossibilidade constitutiva humana, (Freud 1930/2010; Fisher 2020; Rosa 2018; Zizek 1992).

A noção, portanto, de fantasia social, segundo Zizek (1992), é ímpar, na medida em que revela o antagonismo, a clivagem, pois é ela o meio que procura mascarar a própria falha social, o vazio, a impossibilidade das relações sociais. Ela cria então roteiros que pretendem “cobrir” o espaço vazio da impossibilidade fundamental.

Agora está clara a maneira como podemos utilizar essa noção de fantasia no campo da ideologia propriamente dita: também aqui, “não existe relação de classe”, a sociedade é sempre atravessada por uma divagem antagônica que não pode ser integrada na ordem simbólica. E o que está em jogo na fantasia ideológico-social é construir uma visão da sociedade que exista, de uma sociedade que não seja antagonicamente dividida, uma sociedade em que a relação entre suas diferentes partes seja orgânica e complementar. O caso mais claro disso é, naturalmente, a visão corporativista da sociedade, considerada esta como um Todo orgânico, um corpo social em que as diferentes classes são assemelháveis a extremidades, cada membro contribuindo para

³ A partir do que já explanamos acerca do conceito de Real, optamos por usar o termo realidade nos momentos em que estivermos revisando a obra freudiana, ou parafraseando-o, mantendo-nos fiéis aos termos empregados pelo mesmo.

o Todo conforme sua função; poderíamos dizer que “a sociedade como corpo constituído” é a fantasia ideológica fundamental. (Zizek, 1992, p. 123).

Ou seja, esta tentativa de tentar lidar com a impossibilidade, o mal-estar, fornece também as coordenadas do desejo, contruindo roteiros, objetos, permitindo a como desejar, tentar lidar com o impossível, buscando um caminho imaginário à satisfação, à fuga de sofrimentos e a busca de felicidade. (Zizek, 1992; Jorge, 2010; Freud, 1908a/2015, 1908b/2015, 1923a/2011, 1927/2014; Rosa 2018)

Destacamos, contudo, a partir disso (e utilizando termos freudianos), que a fantasia pode basear seu vínculo mais próximo ou mais afastado do teste de realidade, em muitos casos literalmente, teremos condições sintomáticas da mesma. Sobre isso, Freud (1924a/2011, 1924b/2011), relata que a intensidade de um conflito em relação a uma realidade indesejada, pode favorecer processos sintomáticos de afastamento em relação a esta realidade externa, permitindo compensações ao Id, e ao princípio do prazer, como anunciamos mais cedo.

No laço social, esta compensação fantasística representará formas compartilhadas que perpassam a ilusão, trajeto muito utilizado pelas religiões e pela ideologia (Freud, 1921/2011, 1927/2014, 1930/2010; Rosa, 2018; Zizek, 1992) . Acerca do primeiro Freud (1927/2014) destaca que o caráter das formulações religiosas fundamentam-se em compensações aos sofrimentos da vida mundana, no estabelecimento de uma figura protetora que ampare os sujeitos, e conceda a perspectiva de superação da problemática da morte, através da promessa de uma vida espiritual póstuma. Desta forma, as crenças religiosas baseiam-se no desejo de amparo. Já com relação ao advento da ideologia, Zizek (1992) traz o atrelamento sintomático que ela provoca entre saber e ilusão. Sua operação elege um significante-mestre que organiza o discurso, promovendo simultaneamente uma significação retroativa, ou seja, fazendo com que o discurso e as significações historicamente construídas, passem a impressão de que sempre estiveram ali. Isto faz com que os preceitos justifiquem-se por si mesmos.

Rosa, deixa claro a pretensão desses adventos no laço social, em relação à busca da lidar com o impossível, através de relações sintomáticas da atividade da fantasia.

Colada à lei formal-universal, que regula a troca social, a fantasia perde seu caráter singular e ganha autonomia, expandindo-se com a promessa da possibilidade de gozo. Estende o seu manto sobre a realidade social atendendo às premissas de um tipo de historiografia que

obtura os antagonismos reais, procurando preencher todos os espaços e desmentir a negatividade do sujeito (Rosa, 2018, p. 118).

Ou seja, a fantasia tenta lidar com a insuportabilidade do real, permitindo que compensações sejam traçadas em roteiros tanto sociais quanto singulares, formatando concepções e perspectivas de ver este real, almejando a superação das idiossincrasias, e pavimentando simultaneamente, caminhos para atingir-se o princípio do prazer. Alguns destes caminhos tornam-se mais próximos do “teste de realidade”, ao passo que outros, sucumbem mais aos processos de distorção, flexibilização e afastamento do vínculo entre o Eu e a realidade externa. Neste segundo caso, a sintomática na busca da realização de desejos torna-se premente.

Ressaltamos para finalizar, todavia, que a tarefa a que se propõe a fantasia, trata-se de uma missão hercúlea, que envolve um intenso trabalho psíquico tanto à nível consciente, quanto inconsciente, entrelaçando-se aos movimentos históricos, sociais e singulares de cada sujeito, inserido no campo da linguagem e da cultura, limitado assim, desde sua origem, ao campo da palavra. (Elia, 2007; Jorge, 2010; Rosa, 2004)

Conclusão

Ao longo deste estudo partimos da problemática envolvendo a vida em civilização, onde os sujeitos impossibilitados de realizarem uma parcela considerável dos desejos, tanto pelas regras sociais, quanto pelas regras internas superegóicas, encontram grandes entraves para a busca da felicidade. Ressaltamos desta forma, o advento civilizatório como a principal fonte de sofrimento humano, não só por estas restrições impostas, bem como também pela agressividade e a violência destinada reciprocamente, culminando no mal-estar que é inerente à cultura.

Diante deste desafio demonstramos a tentativa do psiquismo de encontrar alguma homeostase atenuando o *pathos*, ou buscando diretamente satisfações e a felicidade. Demos ênfase então à questão da fantasia, que servindo ao princípio do prazer, busca compensações aos sujeitos diante de suas fontes de sofrimento. Vimos ademais, que a fantasia não se resume a um processo consciente, estando também submetida aos processos inconscientes, constituindo-se como a realidade psíquica, a forma de olhar para o mundo. Funciona ademais, articulando-se ao desejo, ao sintoma, ao mal-estar, podendo gerar outros fenômenos como ilusões, a ideologia, entre outros.

Superando a falsa dicotomia entre indivíduo vs. sociedade demonstramos também como fantasia tenta encontrar formas de lidar com as incongruências, com o vazio, com as

inconsistências e com o mal-estar, fruto do desencontro fundamental no estar em civilização. Desta forma pudemos responder à nossa pergunta de pesquisa comprovando nossa hipótese inicial. Sabemos, contudo, que estas construções teóricas possuem limitações, demandando estudos mais aprofundados entre estes fatores. Esperamos que futuros pesquisadores possam continuar a trilha deixada não somente por nós, mas também por outros estudiosos deste campo como Slavoj Žižek, Mirian Debieux Rosa e Mark Fisher.

Encerramos este estudo assim tomando de empréstimo as palavras de (Lameira *et al.* 2017, p. 73) que nos adverte qualquer pesquisa no campo psicanalítico, não se finda com um saber conclusivo, mas abre-se à constante revisão. É tomando este referencial, que findamos assim estas contribuições, aguardando os próximos avanços ou revisões.

REFERÊNCIAS

- Elia, L. (2007). *O Conceito de Sujeito*. (3a ed). Jorge Zahar.
- Freud, S. (1899/1996). *Lembranças Encobridoras*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. III). Imago.
- Freud, S. (1908a/2015). O Escritor e a Fantasia. In *O Delírios e os Sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de Um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos*. (1906-1909) (vol. 8).
- Freud, S. (1908b/2015). As Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade. In *O Delírios e os Sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de Um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos*. (1906 - 1909) (vol. 8). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1911/2010). Formulações Sobre os dois Princípios do Funcionamento Psíquicos. In *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreiber")*, artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). (vol. 10). Companhia das Letras. [Texto originalmente publicado em 1911].

- Freud, S. (1913/2012). Totem e tabu. In *Obras completas, volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1915a/2013). As pulsões e Seus Destinos. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica.
- Freud, S. (1915b/2010). O Inconsciente. In *Obras Completas Volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos (1914-1916)*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1920/2010). Além do Princípio do Prazer. In *Obras Completas Volume 14. História De Uma Neurose Infantil ("O Homem Dos Lobos"), Além Do Princípio Do Prazer E Outros Textos (1917-1920)*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1921/2011). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In *Obras completas - Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1923a/2011). O Eu e o ID. In *Obras Completas Volume 16: O Eu e o ID: "Autobiografia" e Outros Textos (1923 -1925)*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1923b/1980). Dois verbetes de enciclopédia. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (vol. 18). Imago.
- Freud, S. (1924a/2011). Neurose e Psicose. In *Sigmund Freud, Obras Completas, volume 16. O Eu e o ID, "Autobiografia" e Outros Textos (1923 - 1925)*. Companhia das Letras. [Texto originalmente publicado em 1924].
- Freud, S. (1924b/2011). A perda da realidade na neurose e na psicose. In *Sigmund Freud, Obras Completas, volume 16. O Eu e o ID, "Autobiografia" e Outros Textos (1923 - 1925)*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1927/2014). Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de Uma Ilusão e outros textos. In *S. Freud, Obras Completas*, (vol. 17, p. 187-243). Companhia das Letras.

- Freud, S. (1930/2010). O mal-estar na civilização. In *O mal-estar na civilização, Novas Conferências Introdutórias a Psicanálise e outros textos (1930-1936)* In S. Freud, Obras Completas, (vol. 18, p. 9-89). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1940 [1938]/2018). O Compêndio de Psicanálise. In *Obras Completas 19: Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e Outros Textos. (p. 118–170)*. Companhia das Letras. [Trabalho original publicado em 1940].
- Fisher, M. (2020). *Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo, do que o fim do capitalismo?*. Autonomia Literária.
- Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2: a clínica da fantasia*. Zahar.
- Lameira, V. M., Costa, M. C. S., & Rodrigues, S. de M. (2017). Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. *Revista Subjetividades*, 17(1), 68-78. <https://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.4861>.
- Laplanche, J. (2001). *Vocabulário de Psicanálise/Laplanche e Pontalis: sob a direção de Daniel Lagache*. (4a ed). Martins Fontes.
- Menezes, L. S. (2008). *Desamparo*. (Coleção clínica psicanalítica). Casa do Psicólogo.
- Menezes, L. S. (2010). *Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: desamparo, pulsão de domínio e servidão*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo].
- Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de psicanálise/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon*. Jorge Zahar.
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348. Recuperado em 23 de outubro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&tlng=pt.

Rosa, M. D. (2018). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*.

(2a ed.). Escuta/Fapesp.

Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021>.

Sauret, M. -J. (2003). A Pesquisa Clínica em Psicanálise. *Psicologia USP*, 14(3), 89-104. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000300009>.

Zizek, S. (1992). *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Jorge Zahar.